

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

15



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

15

Reitora

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Vice-reitor

Prof. Dr. Ludoviko Carnascialli dos Santos

Curadora do Museu

Profª Drª Regina Célia Alegro

Coordenação Geral

Profª Drª Regina Célia Alegro

Editores

Profª Drª Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Comissão Executiva

Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Foto Capa

Amaury Ramos da Silva

Fotos Contracapa

Rui Antonio Frias Cabral
Amauri Ramos da Silva

Projeto Gráfico / Diagramação

Marcela Almeida Brasil
Petra Schauff Mendes

Fonte

Adobe Garamond Pro e Din

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina/Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de
Londrina, v.1 n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina - História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Realização

SUMÁRIO

Apresentação

Regina Célia Alegro.....05

1. Projeto

1.1. Expressão da memória histórica de Londrina-PR
pelas roupas em imagens e artefatos.....06

2. Exposição

2.1. Exposição “Presenças Invisíveis no Norte do Paraná”
Pedro Henrique César.....07

3. Artigos

3.1. O potencial informativo das coleções cerâmicas arqueológicas
salvaguardadas em instituições museais
Robson Rodrigues.....08

3.2. Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara à cestaria Kaingang: Um estudo do
acervo indígena dos museus históricos de Londrina e Cambé, Paraná
Maquieli Elisabete Menegusso; Cláudia Eliane P. Marques Martinez.....14

3.3. Ciência do passado humano: abordagens para a dieta, clima e movimento
Richard Magdwick.....21

3.4. Presença Indígena na Coleção do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss
Amauri Ramos da Silva; Juliana Souza Belasqui; Osvaldo Fiorato Junior.....28

4. Entrevista

4.1. Manoel Norég Mág Felisbino.....36

5. ASAM

5.1. Estatuto de Museus.....38

APRESENTAÇÃO

Esse Boletim destaca a presença dos povos originários e a sua representação no norte do Paraná, especialmente nos espaços museais. Embora estejam se multiplicando as iniciativas de pesquisa e diálogo, ainda há muito que fazer para alcançarmos um conhecimento mais profundo e amplo de suas culturas e concepções, além de práticas políticas mais democráticas.

Nessa perspectiva, o Museu Histórico de Londrina (MHL/UEL) e o Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL (PPGHS/UEL) organizaram o “Seminário sobre Culturas Indígenas e Patrimônios Museológicos no Norte do Paraná”, cujo objetivo foi promover o diálogo entre pesquisadores e a colaboração em favor do estudo de acervos museológicos relativos às culturas indígenas conservados nos museus da região de Londrina.

Vários museus mantêm coleções relativas aos povos originários e às relações com eles estabelecidas na região norte do Paraná. Basta citar a coleção do Museu Histórico de Cambé, de Santo Inácio, de São Jerônimo da Serra. O MHL/UEL, por exemplo, possui uma coleção de cerâmica com 36 peças completas e 529 fragmentos, além de outros objetos de valor antropológico e etnológico.

Por isso, é muito importante a contribuição do etnoarqueólogo Robson Antonio Rodrigues que tratou do “O Potencial Informativo das Coleções Cerâmicas Arqueológicas Salvaguardadas em Instituições Museais”. O pesquisador destaca o potencial interpretativo da cerâmica arqueológica quando, na pesquisa, “[...] o dado arqueológico é associado à premissa de continuidade histórica de um determinado grupo social”.

Maquieli Elisabete Menegusso e Cláudia Eliane P. Marques Martinez colocam em foco as coleções salvaguardadas em Londrina e Cambé, traçando um perfil tipológico da cerâmica e da cestaria Kaingang em “Da Cerâmica Arqueológica Itararé -Taquara à Cestaria Kaingang: um estudo do acervo indígena dos Museus Históricos de Londrina e Cambé, Paraná”.

Amauri Ramos da Silva, Juliana Souza Belasqui e Osvaldo Fiorato Junior, consultam os documentos do próprio Museu para mapearem a coleção de artefatos indígenas, cerâmicos e líticos, salvaguardados no MHL/UEL em “Presença Indígena na Coleção do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss”.

Por fim, apresentamos o roteiro de palestra ministrada no Seminário por Richard Magdwick, bioarqueólogo atuando na Cardiff University/UK, sobre “Ciência do passado humano: abordagens para a dieta, clima e movimento” destacando o comportamento e adaptação cultural de antigas populações humanas, uma discussão que nos aponta possibilidades futuras de pesquisa e diálogo acadêmico.

Em edições futuras esse Boletim continuará publicando outros temas apresentados no “Seminário sobre Culturas Indígenas e Patrimônios Museológicos no Norte do Paraná”. Ao PPGHS/UEL, à Fundação Araucária e aos autores dos artigos aqui publicados, nossos agradecimentos. Que o diálogo e a colaboração se alarguem!

Regina Célia Alegro
Museu Histórico de Londrina

1. PROJETO

1.1 Expressão da memória histórica de Londrina-PR pelas roupas em imagens e artefatos

Resumo: Analisa imagens fotográficas e videográficas encontradas no acervo do Museu Histórico de Londrina, referentes ao período entre 1940 e 1970, e dimensiona o modo como refletem a memória histórica da cidade na correlação entre o espaço arquitetônico usado e as roupas e acessórios.

Palavras chave: imagens fotovideográficas; cultura visual; estilo de moda

Esse projeto tem como objetivo analisar relações entre as imagens, roupas e objetos dos acervos em exame de forma a conhecer os possíveis impactos sociais e culturais revelados na memória histórica da cidade de Londrina.

São investigados aspectos da cultura visual que ressaltam o período dos anos de ouro da fase do café - décadas de 1940, 1950, e 1960, quando a cidade realizou as mais notáveis e fundamentais construções arquitetônicas. Aspectos de estilo e tendências do campo (moda) refletidos nessas imagens são avaliados nos impactos sociais e culturais revelados na expressão da memória histórica.

Os símbolos arquitetônicos, representantes de cada época histórica, são os espaços construtivos que se relacionam aos contextos culturais próprios do tempo, sendo que a partir da “tomada de consciência crescente das funções dos símbolos no espaço urbano [... são usados] para explicar outros fatos” (BARTHES, 2001, p.222), neste projeto serão utilizados como forma relacional em outra ordem de fenômeno cultural: a moda.

A arquitetura, tanto quanto os objetos circundantes, e a moda são corpus do nosso ambiente material que trazem “ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 2003, p. 156) que vemos com frequência, este entorno é inseparável do eu, portanto, faz parte da memória coletiva e individual.

A memória das personagens que conviviam com estes espaços arquitetônicos simbólicos em Londrina eram influenciadas por estas formas, como também pela cultura dominante, numa simbiose particular do lugar, que muitas vezes são refletidas na linguagem visual de cada corpo vestido. Isto ocorreu em diferentes épocas, como no Renascimento, primeiramente em Florença; o Barroco nas cortes dos Luíses franceses e o Art Déco simplificado nas flappers do ocidente, (GARCIA e MIRANDA, 2007) descritas pelos historiadores e estudiosos de moda e que, portanto, pode ter ocorrido também em Londrina.

A seguinte pergunta dá origem à investigação proposta: que conhecimentos agregados são oferecidos pelos documentos, materiais foto-videográficos e objetos que estão sendo doados ao Museu, e o que revelam em termos de impactos sociais e culturais?

As relações analíticas e interpretativas das formas pelas analogias e comparações entre roupa/moda e arquitetura (JOLY, 2012), provavelmente tragam possíveis significações e, assim, possamos instaurar um princípio de identidade às periódicas e descontínuas mudanças da roupa e da moda em Londrina, levando em consideração a influência da moda parisiense pelas pesquisas realizadas por François Bouchet e Michel Maffesoli.

2. EXPOSIÇÃO

2.1. Exposição “Presenças Invisíveis no Norte do Paraná”

Pedro Henrique Cézar

Com a curadoria de Maura Lúcia da Silva, no Museu Histórico de Londrina, com presença de cerca de 150 pessoas foi aberta à visitação pública a exposição “Presenças Invisíveis no Norte do Paraná”, celebrando os 60 Anos da Cáritas Brasileira e os 20 Anos da Cáritas em Londrina. A exposição tem o objetivo de convidar à reflexão acerca de refugiados e imigrantes estrangeiros que enfrentam na região a limitação das políticas públicas de abrigo e emprego.

Segundo dados da Cáritas Londrina, aqui chegaram na década de **2010**: Guiné Bissau; **2011**: Sudão; **2012**: Paquistão, Argentina, França, Haitianos; **2013**: Cuba, Guiné Bissau, Haiti, Bangladesh; **2014**: Haiti, Bangladesh, Guiné Bissau, Síria, Colômbia, Senegal, Paquistão, Portugal; **2015**: Angola, Bangladesh, Bolívia, China, Colômbia, Guiné Bissau, Haiti, Irã, Marrocos, Paquistão, Paraguai, Portugal, Síria, Venezuela. Atualmente 2000 pessoas são assistidas na região pela entidade. Concentram-se em Londrina, Cambé, Rolândia, Jaguapitã e Arapongas. Os que já se estabeleceram trazem agora suas famílias.

A exposição também destacou o papel que a Cáritas exerce junto a essa população altamente vulnerável frente à fragilidade das políticas públicas – imigrantes, migrantes e refugiados. Entre suas ações está o atendimento aos que chegam ao Brasil promovendo a regularização de documentos e espaços de acolhida e integração. “*Os novos imigrantes que chegam ao norte do Paraná não querem ser vistos apenas como imigrantes, querem ser vistos como seres humanos*” (Ferguens Charleron, haitiano). O trabalho no norte do Paraná se intensificou em 2012 com a chegada de refugiados vindos do Haiti após o terremoto em 2010.

A Exposição ocupou as três Salas de Mostra Temporária com a seguinte disposição: as duas primeiras salas enfatizando os rostos dos imigrantes atendidos pela Instituição, com fotografias e objetos de seus países ou da região de origem e ilustrações de alunos de Design e Moda (UEL), convidando-nos a reconhecer e acolher os recém-chegados. A terceira sala destacou o papel da Cáritas, sua fundação e os serviços prestados.

A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 164 organizações-membros da Rede Cáritas Internacional. Nacionalmente, a Cáritas é um organismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. É constituída por uma rede com 183 entidades-membros, 12 regionais e uma sede nacional. Atua em 450 municípios, sendo presença solidária junto às pessoas mais empobrecidas, necessitadas, excluídas e em situação de risco.

A Cáritas de Londrina foi criada em 1996, por Dom Albano Cavalin.

Enfim, a Cáritas tem pautado suas ações na garantia e defesa dos direitos humanos de pessoas e grupos que se encontram em situação de risco. Atua em rede envolvendo entidades sociais, movimentos, pastorais sociais, organismos políticos, com uma articulação no estado e com outros entes situados em outras unidades da federação, com destaque para o trabalho conjunto voltado para as situações de migração em parceria com entidades como o Instituto de Migrações e Direitos Humanos e o Serviço Pastoral do Migrante. Sua missão inclui defender e promover a vida participando da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural, junto às pessoas em situação de exclusão social.

3. ARTIGOS

3.1 O potencial informativo das coleções cerâmicas arqueológicas salvaguardadas em instituições museais

Robson Rodrigues¹

Resumo: Trata da cerâmica salvaguardada em museus como fonte para a pesquisa arqueológica e seu potencial interpretativo quando analisada como vestígio arqueológico etnográfico, ou seja, quando o dado arqueológico é associado à premissa de continuidade histórica de um determinado grupo social.

Palavras-chave: Etnoarqueologia; Tecnologia Cerâmica; Coleções Ceramistas Musealizadas.

Introdução

A Arqueologia, enquanto ciência, investiga o passado do ser humano, por meio da obtenção de informações e detalhada análise de seus bens culturais para posterior interpretação. As principais atividades desta área de estudo compreendem, além da pesquisa bibliográfica, escavações, estudos ambientais, trabalhos de laboratório e um procedimento interpretativo.

Neste cenário da pesquisa arqueológica, a cerâmica tem um papel importante principalmente pelo seu fator temporal, sua durabilidade no registro arqueológico e seu potencial interpretativo, estando relacionada às atividades cotidianas de preparo, armazenamento e consumo de alimentos e bebidas por diferentes grupos étnicos. Essa categoria de vestígio pode fornecer dados a respeito de seus produtores, aspectos econômicos, hábitos alimentares, rituais e práticas funerárias, entre outros. Nesse aspecto, os testemunhos materiais são indicadores das necessidades humanas nas relações sociais e exigem uma leitura específica, arqueológica, dos objetos, que devem ser tomados como algo a serem interpretados.

Apesar da base de análise arqueológica ser o fragmento cerâmico, no entanto, quando pensamos em um estudo a ser realizado, este não deve se restringir apenas ao caco cerâmico em si, mas sim a busca pela compreensão do vasilhame cerâmico como uma ferramenta, ou seja, como uma unidade de análise, bem como de seu processo produtivo, formas de utilização e os modos de descartes em um determinado contexto ambiental, por meio da definição do ciclo de produção desses objetos. Neste caso deve-se adotar como parâmetro analítico a ideia de vestígio arqueológico etnográfico, que vem a ser a leitura do dado arqueológico associado à premissa de continuidade histórica de um determinado grupo social, identificado no contexto de um espaço geográfico definido, ou seja, as áreas onde as peças arqueológicas foram recolhidas. O pressuposto teórico-metodológico adotado parte de uma visão de conjunto que tem, como ponto gerenciador, a compreensão da cadeia operatória da produção cerâmica.

1 Etnoarqueólogo. Doutor em Arqueologia pelo MAE/USP. Pesquisador PNPd/Capes e pós-doutorando do Instituto de Ciências Sociais – INCS/UFU. Presidente da Fundação Araporá. E-mail: robson_arqueo@yahoo.com.br

Procedimentos metodológicos na análise arqueológica da cerâmica e de seu ambiente

O estudo dos elementos materiais da cultura permite a coleta de informações e geram conhecimentos a respeito de aspectos do estilo de vida dos povos que habitaram uma determinada região, principalmente a relação existente entre a sua economia e o meio natural. Para Funari, essa interpretação das informações obtidas com as análises arqueológicas é necessária, pelo fato de que os indícios arqueológicos (artefatos) são produtos do trabalho humano e, portanto, apresentam uma função primária, ou seja, uma utilidade prática e uma função secundária que se dá na utilização secundária com indicações sociais. Nesse sentido, o artefato não é apenas um remanescente fossilizado das relações sociais, mas, enquanto parte da cultura material, exerce uma mediação nessas relações, atuando como direcionador de atividades humanas (FUNARI, 2003).

A cultura material pode ser definida como um determinado segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelos seres humanos. Esta apropriação social se dá a partir da intervenção empreendida pelo ser humano aos elementos do meio físico, modelando-o e dando forma, de acordo com propósitos e normas culturais, conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito abrange os artefatos, as estruturas, as modificações da paisagem e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação ou, ainda, os seus arranjos espaciais (MENESES, 1983).

Grande importância é dada à cerâmica presente no registro arqueológico, pois, pelo fato de ser material resistente, é facilmente encontrada nos locais em que as populações que a produziram se assentaram. As vasilhas, com grande variedade de formas, decorações, técnicas de confecção e acabamento, fornecem informações sobre essas populações que, somadas aos demais dados obtidos no registro arqueológico (artefatos e demais estruturas), permitem a descrição do modo de vida e do habitat daquelas sociedades.

As vasilhas de cerâmica tinham funções de uso cotidiano: armazenamento de água, grãos, pigmentos, cozimento de alimentos, etc. Cumpriam também funções rituais quando, por exemplo, eram utilizadas em ritos funerários. Se por um lado a cerâmica está relacionada às atividades cotidianas de preparo, armazenamento e consumo de alimentos e bebidas, também está vinculada a usos específicos e restritos e a determinados grupos de indivíduos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Essa categoria de vestígio pode fornecer dados importantes quanto aos seus produtores, jogando luz sobre sua economia, hábitos alimentares, vida cerimonial e práticas funerárias, entre outras (SKIBO, 1992). A cerâmica é uma importante evidência nos sítios arqueológicos, pois esses recipientes e seus fragmentos sobrevivem em meio ambiente onde outros elementos da cultura material, muito mais abundantes, desaparecem sem deixar vestígios, tais como artefatos de madeira (KERN, 1994).

Enquanto evidência e unidade básica, o artefato cerâmico, não mais será visto como uma cultura arqueológica, mas sim, como comunidades locais representadas por sítios individualizados. Procedimento imprescindível para abordar questões relativas à dinâmica sócio-política de populações. Nessa visão, o vasilhame cerâmico, enquanto artefato é o vetor de informações que conduz principalmente às atividades cotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura.

E, nesse sentido, é a cerâmica que fornece os elementos indicadores das variações entre os sítios que são representados na forma de uma distribuição diferenciada do material seja qualitativa ou quantitativamente, numa busca de identificação de diferenças que eventualmente fossem indicadores de variações culturais no sistema sociocultural do agrupamento humano

estudado (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989).

Coleções arqueológicas salvaguardadas por instituições museais também são importantes fontes de análise e pesquisa arqueológica como é o caso da coleção cerâmica sob a guarda do Museu Histórico de Londrina, pois o museu é um espaço onde se aglutinam os processos do trabalho humano e seu contexto, isto é, “*os testemunhos do Homem e do seu meio, seja do meio físico (natural), seja do meio transformado pelo Homem*” (RÚSSIO, 1990:17). Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento das organizações sociais da humanidade, relacionando-se aos diversos momentos de mudança, sejam estas econômicas, sociais, políticas ou culturais. Nesse contexto o objeto passa a ser um documento, um testemunho, uma prova da existência do ser humano e de seu ambiente, ou seja, passa a ter um significado a respeito do próprio meio natural ou modificado e apropriado pela ação humana, contribuindo, assim, para a preservação da memória, da história e da cultura. Neste campo de pesquisa, a partir da análise destas coleções musealizadas, é possível visualizar o entendimento do modo de vida das populações do passado no que se refere à produção, uso e descarte dos artefatos manufaturados. Bem como, obter importantes informações sobre a dimensão da variabilidade artefactual, levando-se em conta a mobilidade dos grupos étnicos nos processos produtivos.

Para auxiliar no registro, classificação e análise do vestígio material da coleção musealizada, deve-se elaborar uma ficha de análise tendo em vista verificar os diferentes atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos presentes nas peças cerâmicas, a partir da definição de atributos específicos como classe; tipos de antiplásticos e sua espessura; espessura da parede; queima; tratamento de superfície e técnicas de manufatura; tipos de bordas, de lábios e fragmentos de base com seus diâmetros, dentre outros elementos para se entender a cadeia operatória.

A matéria prima básica de estudo são os fragmentos cerâmicos, no entanto, a análise empreendida não deve se restringir ao caco cerâmico em si, mas buscar, a todo o momento, compreender o vasilhame cerâmico como uma ferramenta (SKIBO, 1992), produzida, utilizada e descartada em um determinado contexto social, político, econômico e simbólico. Ou seja, para chegarmos ao artefato partimos dos fragmentos cerâmicos, mas a análise de atributos individuais só faz sentido na maneira como se relacionam ou se combinam no produto final, compondo um artefato inteiro e único, o vasilhame cerâmico (ROBRAHN-GONZALEZ, 1996).

Nesse sentido é fundamental, num primeiro momento uma visualização inicial do material, etapa que começa em campo e continua na limpeza do material. A partir desse contato são estabelecidos os problemas de pesquisa que deverão nortear o estudo, que definirão atributos para análise do material cerâmico. De um modo geral, podemos indicar alguns objetivos na análise do material cerâmico.

Sendo a cerâmica o vestígio mais significativo, a análise deve percorrer uma linha que possa levantar a maior diversidade de dados possíveis. O pressuposto teórico-metodológico parte de uma visão de conjunto que tem, na compreensão da cadeia operatória da produção cerâmica, seu ponto gerenciador. Enquanto objeto de análise, toma-se o artefato (vaso cerâmico), como uma unidade padronizada, estruturada numa forma.

Os trabalhos de análise cerâmica realizados em laboratório podem ser mais bem interpretados a partir da reconstrução das diferentes etapas de produção dos artefatos. Partindo da premissa que os artefatos têm uma história de vida à metodologia de análise deve se propor a compreender essa história, identificando quais as variáveis que atuaram nos processos de procura, manufatura, uso, manutenção e descarte dos artefatos cerâmicos, por meio do estudo da cadeia operatória de produção dos artefatos cerâmicos.

O artefato cerâmico passa a ser reconhecido como a materialização do comportamento

dos membros de uma determinada sociedade, ou seja, como resultado da produção técnica de indivíduos que marcam na matéria padrões mentais compartilhados coletivamente. Neste sentido, os vestígios cerâmicos apresentam tanto características comuns (padrões morfológicos e decorativos) quanto individuais (a destreza e os gestos da oleira). Segundo La Salvia et Brochado (1989), a cerâmica é um elemento tecnológico determinante de um comportamento. E, portanto, é importante, ao proceder a uma análise deste elemento material, ter como preocupação a ideia de que o ser humano que desenvolve essa tecnologia está preocupado com a satisfação de suas necessidades.

Aquilo que para nós seria preocupação, para ele (artesão) é uma necessidade, uma decorrência do processo produtivo. Já está mentalizado tudo o que deve fazer e realizar para alcançar determinado fim; nós, pesquisadores, é que deveremos decodificar, através do registro arqueológico, todo o sistema mental (LA SALVIA et BROCHADO, 1989:09).

Observa Alves (1988) que, na confecção do artefato cerâmico, quatro fases podem ser encontradas: a confecção da pasta; a técnica de manufatura; o tratamento de superfície, incluindo a decoração e a queima. A matéria prima principal é uma pasta constituída pela argila e pelo tempero.

No decorrer do processo analítico, a abordagem partirá da observação das características formais das peças, reconhecendo quais as características são mais ou menos recorrentes na indústria cerâmica como um todo. Aliado a esta perspectiva e, procurando extrair o máximo de informações dos vestígios oriundos do contexto pesquisado, seja ele o sítio arqueológico, ou mesmo a reserva técnica de um museu, procura-se associar um estudo tipológico por meio da análise qualitativa e quantitativa. Este procedimento pode ser adotado quando não se consegue extrair informações mais precisas do ambiente arqueológico no decorrer da coleta dos objetos em campo, ou seja, quando não foi possível um registro que pudesse recolher informações mais detalhadas para uma reconstituição mais ampla das unidades de análise, bem como da dispersão destes conjuntos no sítio arqueológico.

A análise qualitativa permite o estabelecimento de tipos que determinam a tipologia ao levarem-se em consideração as características de confecção, acabamento, forma, entre outras, que possam ser detectadas e cada um dos vestígios coletados. Já a análise quantitativa fornece os dados estatísticos da distribuição e ocorrência dos tipos cerâmicos (GOULART, 1982; FACCIO, 1998). Desse modo, essa abordagem permite a formação de conjuntos de peças semelhantes, possibilitando muitas vezes a remontagem dos fragmentos cerâmicos. Assim, peças com características que denotem que as mesmas pertencem a um mesmo vasilhame são agregadas em conjuntos, permitindo o reconhecimento do número mínimo de vasilhames coletados no sítio.

Em termos de processo produtivo deve-se levar em consideração todas as matérias primas envolvidas (argilas, pigmentos, resinas), bem como as técnicas de produção (manufatura, acabamento de superfície, processo de queima) e os instrumentos envolvidos nesse processo. Com relação ao uso podem-se traçar algumas hipóteses a cerca do uso pretendido, com base nas reconstituições morfológicas, por meio da análise das marcas de uso.

Assim, para se chegar à compreensão do artefato cerâmico, parte-se da análise dos elementos tecnológicos, estilísticos e morfológicos, procurando extrair informações diversificadas para a definição de inferências a respeito do modo de vida e da cultura dos grupos sociais pretéritos.

Conclusão

Os vestígios arqueológicos, quando bem contextualizados, passam a ser importantes documentos para o estudo da história indígena (NEVES, 1995). Sendo assim, dois são os pontos a serem salientados. No primeiro, partindo de uma visão de sintonia contextual, fundamentado no pensamento de Robrahn-González (1996), para a problemática ocupacional dos grupos ceramistas, percebe-se que, embora inicialmente esses grupos tenham apresentando padrões culturais distintos e mantidos territórios quase exclusivos de ocupação, contatos extraculturais eram frequentes ainda que sua natureza possa ter variado de forma significativa. Com o passar do tempo estes contatos teriam ocorrido com maior intensidade e por meio de estímulos diversos, motivando processos de mudança cultural como possíveis fusões intergrupais, emergência de novas unidades culturais ou até confirmando a manutenção de determinados núcleos originais.

Os últimos séculos antes da conquista europeia (e também o próprio período de conquistas) se caracterizaram por um período de intensas transformações culturais, resultando no surgimento de uma série de variações regionais que passaram a constituir o padrão arqueológico regional, formando a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

O segundo ponto é que, ao abranger comunidades locais, tem-se uma ampla compreensão dos mecanismos de sua reprodução e de sua dinâmica interna, o que viabiliza o encaminhamento de questões relativas às continuidades ou às mudanças das sociedades estudadas (WÜST et CARVALHO, 1996). Cabe ressaltar ainda que é de fundamental importância a comparação com outros contextos arqueológicos associados a núcleos habitacionais, definidos pelas aldeias, pois com o contraste dos conjuntos de vestígios desta ordem, ampliam-se as articulações entre os padrões de assentamentos, possibilitando, assim, importantes implicações na compreensão dos dados levantados além de estruturar futuras investigações arqueológicas. Por isso, mesmo se tratando do estudo das coleções ceramistas musealizadas, deve-se, sempre, ter presente o ambiente, o local de onde tais objetos saíram ou foram coletados.

Nesse sentido, faz-se necessário ter presente que, para interpretar de maneira adequada a relação entre a sociedade e seu objeto de trabalho, é fundamental a consideração desta como um processo histórico onde o relevante não é a unidade mecânica dos seres humanos viventes com suas condições naturais, inorgânicas, de seu intercâmbio de materiais com a natureza, mas sim o divórcio entre essas condições naturais e a existência humana, separação que vai acontecendo efetivamente na medida em que se vai desenvolvendo as condições da produção material (SANOJA, 1988).

Por fim, sabendo que cada classe de materiais não tem obrigatoriamente um sentido único; colocado dentro de diferentes contextos, pode ter diferentes significações para a análise dos processos de trabalho e das formas de relações sociais que caracterizam as manifestações dos modos de vida e dos modos de produção que estão presentes na maneira como o grupo social consome o espaço no qual vive.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Márcia A. **Análise cerâmica: estudo tecnopológico**. São Paulo: USP, 1988. Tese (doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1988.

FACCIO, Neide B. **Arqueologia do cenário das ocupações horticultoras da Capivara, baixo**

Paranapanema - SP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, 1998. Tese (Doutorado em Arqueologia). MAE/USP, 1998.

FUNARI, Pedro P. A. **Arqueologia.** São Paulo: Contexto, SP, 2003.

GOULART, Marilandi. **Novas perspectivas de análise cerâmica em pré-história brasileira.** São Paulo: USP, 1982. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1982.

KERN, A.A. Os Guaranis: horticultores da floresta subtropical. In: **Antecedentes Indígenas.** Rio Grande do Sul: Ed. Da Universidade, UFRS, 1994.

LA SALVIA, F. et BROCHADO J.P. **Cerâmica Guarani.** Posenato Arte e Cultura, Rio Grande do Sul: 1989.

MARANCA, Silvia. Dados preliminares para uma classificação do material cerâmico pré-histórico. **Revista do Museu Paulista.** São Paulo, nova série, USP, v. XXX p.235-247, 1985.

MENESES, U.T.B. de. A Cultura Material no estudo das Sociedades Antigas. In: **Revista de História,** no. 115. FFCH/USP, São Paulo, 1983.

NEVES, E.G., Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: **A Temática Indígena na Escola.** Distrito Federal: MEC/MARI/UNESCO, 1995. P. 171-192, 1995.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,** São Paulo, n. 6, p. 83-121, 1996.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso.** São Paulo: USP, 1989. Dissertação de mestrado - FFLCH/USP, 1989.

RÚSSIO, Waldisa. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.** IBPC. 3. SP, 1990.

SANOJA, Mario. La inferencia en la arqueología social, In: FONSECA (ED.), **Hacia una Arqueología Social.** Ed. Universidad de Costa Rica, p. 132-143, 1988.

SKIBO, J.M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective.** Plenum Press, New York, 1992.

WÜST, I. et CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise do sítio Guará 1 (GO-NI-100). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,** São Paulo, n. 6, p. 47-81, 1996.

3.2 Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara à cestaria Kaingang: Um estudo do acervo indígena dos museus históricos de Londrina e Cambé, Paraná

*Maquieli Elisabete Menegusso¹;
Cláudia Eliane P. Marques Martinez²*

Resumo: Trata da cerâmica salvaguardada em museus como fonte para a pesquisa arqueológica e seu potencial interpretativo quando analisada como vestígio arqueológico etnográfico, ou seja, quando o dado arqueológico é associado à premissa de continuidade histórica de um determinado grupo social.

Palavras-chave: Etnoarqueologia; Tecnologia Cerâmica; Coleções Ceramistas Musealizadas.

Indícios arqueológicos comprovam a presença indígena no que é hoje território paranaense há milhares de anos e revelam sociedades complexas, cujas culturas materiais resistiram ao tempo. Estes vestígios estão relacionados a distintos grupos e colocam a tradição Itararé-Taquara como portadora de uma das primeiras ocorrências de cerâmica no Brasil meridional. Para Parellada (2008) eles chegaram ao Paraná há aproximadamente 4 mil anos AP³, vindos do planalto central brasileiro.

A quase totalidade dos achados se integram em três conjuntos que seus criadores chamaram de tradição Taquara (E. Miller, 1967) e tradição Itararé e Casa de Pedra (I. Chmyz, 1967 e 1968). Repensando essa abordagem, Araújo (2007) e Parellada (2008), entre outros pesquisadores, chegaram a conclusão de que não há diferenças significativas para fundamentar três tradições, sugerindo assim, o agrupamento das mesmas sob um mesmo rótulo, correspondendo a tradição arqueológica Itararé-Taquara que adotaremos aqui.

Esta tradição está associada a grupos falantes do idioma Jê e representados atualmente pelos Kaingang e Xokleng. Evidências arqueológicas fortalecem a hipótese a respeito. Um exemplo é a pesquisa de Miller (1978) apud Araújo (2007) que compara fragmentos provenientes de sítios arqueológicos, fragmentos de locais historicamente conhecidos como de ocupação Kaingang e vasilhames feitos por duas informantes Kaingang dos Postos Indígenas de Icatu e Vanuire (SP), evidenciando muitas semelhanças no método de manufatura. A compreensão da tradição Itararé-Taquara como relacionada a populações da família linguística Jê meridional, fica também evidenciada com a análise de documentação etno-histórica e dos acervos de museus e instituições culturais.

A proposta aqui apresentada é uma síntese da análise do perfil tipológico da cerâmica e da cestaria Kaingang a partir de objetos já musealizados. As coleções estudadas fazem parte do acervo indígena do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss e do Museu Histórico de Cambé, que totalizaram 29 fragmentos cerâmicos provenientes da região metropolitana de Londrina e 31 objetos etnográficos que correspondem a traçados para uso doméstico, armas

1 Mestranda em História Social, UEL. Email: maquielimenegusso@hotmail.com

2 Programa de Pós-Graduação em História Social, UEL. Orientadora.

3 AP significa antes do presente que, por convenção é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação pelo carbono 14, que se deu em 1952.

de arremesso complexas, adornos plumários e instrumentos musicais, a grande maioria da Terra Indígena Apucararinha.

Perfil tipológico da cerâmica

A categoria dos fragmentos foi estabelecida como: fragmento de borda, base, fragmento de parede, fragmento semi completo (menos de 50% da peça) e fragmento completo (mais de 50% da peça). Foi observado um predomínio dos fragmentos de borda, sendo que, entre os 29 fragmentos analisados foi possível evidenciar 22 vasilhames.

Nas variáveis métricas levamos em consideração a espessura, dimensões a partir do comprimento (Y) versus a largura (X), raio da borda, porcentagem existente da borda, profundidade, altura e perímetro, estes três últimos para vasilhames completos.

As variáveis métricas indicam que os vasilhames, na quase totalidade, apresentam tamanhos pequenos com espessura bastante fina, não ultrapassando os 6mm, característica bastante comum na cerâmica Itararé-Taquara.

Quanto ao tratamento de superfície, houve um predomínio entre as técnicas do alisamento⁴ que tem como objetivo principal eliminar as irregularidades da confecção dos recipientes, resultando numa superfície uniforme, mas sem brilho e a técnica da brunidura⁵, onde as paredes recebem um revestimento (geralmente após a queima) de cera e fuligem para dar uma cor preta ou melhorar a impermeabilidade, resultando num brilho mais intenso que o polimento.

Para a identificação do antiplástico⁶ utilizamos um estereoscópio da marca Leica EZ4 com a magnificação de 10X/20. Não foi possível definir se os materiais foram intencionalmente acrescentados à pasta cerâmica pela oleira ou ocorrem naturalmente nos bancos de argila, com exceção do caco moído ou chamote intencionalmente acrescentado. Os fragmentos possuíam como antiplástico o feldspato, quartzo, grãos arredondados de hematita, carvão, areia, geodo, caulim e chamote, variando sua frequência entre 5% e 30%.

Depois de decorados e acabados, os objetos cerâmicos têm de secar, geralmente durante vários dias ou mesmo semanas, antes de serem submetidos a um processo de cozedura. O objetivo principal da cozedura é transformar as propriedades físicas da argila, tornando-a dura e estável, influenciando no aspecto da superfície das paredes dos vasos cerâmicos, sobretudo ao nível da cor.

Desta maneira, a análise do tipo da queima foi realizada observando a coloração dos fragmentos quanto ao núcleo, que indicaram três tipos:

- Queima Oxidante: Quando a quantidade de oxigênio é superior à necessária para a combustão, permitindo que a matéria orgânica que se encontra na argila seja completamente queimada, resultando numa coloração clara, geralmente alaranjada ou avermelhada das cerâmicas (CRUZ e CORREIA, 2007, p. 55).
- Queima redutora (evidenciada na maioria dos fragmentos): Uma atmosfera sem oxigênio, resultado em cerâmicas de cor negra ou acinzentada homogênea (CRUZ e CORREIA,

4 Cruz e Correia (2007, p.35) Normas de Inventário para Cerâmica utilitária.

5 Prous (1999, p. 92) Arqueologia Brasileira

6 De acordo com Shepard (1985) o antiplástico é todo tipo de material não plástico aplicado à pasta cerâmica no momento da confecção. São conhecidos antiplásticos de origem animal, vegetal e mineral. O material pode ser encontrado no próprio banco de argila ou são elementos acrescentados pela oleira com o objetivo de reduzir a quebra da vasilha durante o processo de secagem e cozimento.

2007, p. 56).

- Queima Irregular: Coloração desigual, com áreas castanho mais escuras, outras quase pretas e outras ainda castanho claras ou avermelhadas. Isto ocorre devido à distribuição desigual de calor (CRUZ e CORREIA, 2007, p. 53).

Sem exceção, os fragmentos apresentaram borda do tipo extrovertida, isto é, para fora. O tipo de lábio variou entre o arredondado e o apontado.

No único fragmento completo do conjunto, pudemos analisar detalhadamente a estrutura morfológica. O objeto apresentou boca circular e contorno do corpo infletido, com base cônica, onde também conseguimos observar com o auxílio de uma lupa, digitais ao longo da borda, podendo ser consideradas como marcas da oleira no momento da modelagem do vasilhame (Figura 01).



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Figura 01: Acervo Museu Histórico de Cambé

O fato da base do objeto apresentar forma cônica, nos indica que se trata de um artefato pré-contato, pois segundo informações bibliográfica, a cerâmica pós-contato apresenta base plana. Como mostra (MILLER, 1978 apud RODRIGUES, 2007, p. 137) “os fundos antes arredondados ou cônicos, agora são achatados para facilitar o assentar da peça na prateleira de madeira, em vez de uma cova no chão, agora assoalho de madeira”.

Sobre a técnica de manufatura, importante atributo, só poderá ser confirmada através de exames radiográficos, porém, nesta pré-análise nota-se em alguns fragmentos a ocorrência de marcas no sentido horizontal, observando a orientação da argila de modo circular, o que pode indicar a junção de roletes, definida na literatura como técnica do roletado. Já outros fragmentos, uma maior parcela, apresentaram paredes mais irregulares, com quebra retangular, mais comum na técnica do modelado.

Perfil tipológico da cestaria

Na cestaria foram evidenciados as técnicas de trançado do tipo gradeado, quando se dá o espaçamento entre os elementos entretrecidos formando aberturas ou grades; tipo *Kre pe*, quando o trançado apresenta linhas horizontais e verticais; Tipiti (*Jagne Tyfy*), composto por linhas diagonais que tanto podem ser unidas como separadas e o tipo reticular (*Kre Nog-noro*) onde intervêm três elementos singulares, dois deles, os da urdidura, dispostos em sentido diagonal, e o terceiro, a trama, na horizontal formando hexágonos nas aberturas⁷.

O trançado do tipo gradeado e o reticular (*Kre Nog-noro*), foram evidenciados somente nas tampas dos cestos e, o tipo *kre pe* e tipiti (*jagne tyfy*) no corpo dos cestos, sendo o primeiro padrão o mais utilizado. O tipiti foi evidenciado apenas em três objetos doados ao Museu Histórico de Londrina nos anos de 1969 e 1972, ambos provenientes da Terra Indígena Apucarantina. Após esse período, todos apresentam trançado *Kre pe*.

As formas⁸ foram registradas como: paneiriforme, cesto recipiente ou cargueiro em forma de paneiro, assemelhado ao gameliforme, porém de maior altura; tigeliforme, em forma de tigela, apresenta-se comumente de conformação arredondada, fundo plano e paredes de pouca altura; bolsiforme, cesto recipiente de espessura mínima ou média e provido de alças para carregar e pendurar e uma única peça como vasiforme, em forma de vasos, que na cerâmica corresponderiam a bilhas, moingas, garrafas para conter líquido.

Os padrões gráficos mais comuns foram desenhos geométricos em linhas horizontais, verticais e diagonais abertas e formas retangulares, quadrangulares e losangulares fechadas. Na teoria de Silva (2001) e Cavalcante (2014) essas grafias estão ligadas às concepções cosmológicas do dualismo das patrimetades, denominadas de Kamé e Kainrú, onde cada uma possui sua própria pintura ou marca.

Ressalta-se que na cestaria trançada não é possível obter uma grafia de forma redonda. Por esta razão Silva (2001) e Cavalcante (2014) consideram formatos quadrangulares (quadrados e losangos) como representantes das formas circulares. Na maioria dos objetos foi possível evidenciar tanto marcas lineares como circulares, que conforme Silva (2001, p 188 - 199) podem representar relações de aliança que pode ser tanto a ligação pelo casamento entre um homem e uma mulher como também a relação entre dois homens, originada pelo casamento da irmã de um





7 Dados sobre as técnicas de trançado extraídos de Ribeiro (1985, p. 41 – 49) e Cavalcante (2014, p.223)

8 Dados extraídos de Ribeiro (1988, p. 45 – 9)

deles com o outro.

Uma grafia bastante comum na parte superior dos objetos foi a de quadrados ligados por linhas, que, conforme Cavalcante (2014, p. 195), possui vários significados, e um deles é a representação simplificada do Pinheiro do Paraná (*Araucária angustifolia*). A autora faz ligação do grafismo com os detalhes do calçado de Londrina.

Fonte: Elaborado pela autora com desenhos gráficos de Marcos Antônio Meneguesso

Detalhamento do artefato	Padrão Gráfico	Especificações
		<p>Losangos representando a patrimetade Kainrú e formas em “X” representando a metade Kamé. União entre os opostos.</p>
		<p>Na parte superior o grafismo de quadrados ligados por linhas é a representação simplificada da araucária. Na parte central e inferior linhas em zigue-zague representando a patrimetade Kamé.</p>

Quadro 1 - Exemplos dos grafismos evidenciados nas cestarias

Na categoria das armas, os objetos foram classificados em armas de arremesso complexas, isto é, formadas por dois elementos: o arco e as flechas. É provável que tenham sido confeccionados apenas para fins comerciais e não para atividades de subsistência e práticas de combate, pois a corda dos arcos não possui elasticidade para o arremesso e as flechas apresentam uma estética mais decorativa que funcional.

Quanto aos adornos plumários, temos uma coroa vertical (cocar) com penas de arara-canindé (*Ara ararauna*) sobre faixa de 10 cm de largura em trançado do tipo *Kre pe* e uma tanga emplumada – usada para cobrir a região perianal também confeccionada com penas de arara sobre uma base de trançado *Kre pe*.

Apenas um objeto está ligado a instrumento musical, se trata de um pequeno chocalho de forma ovalar provido de cabo, também confeccionado a partir do trançado *Kre pe* formando grafias na cor preta.

Na maioria dos objetos foi possível observar a mistura de materiais naturais com os sintéticos, tais como o uso de corantes artificiais e barbantes de material plástico, este último usado para o acabamento das peças ou para corda dos arcos. Dois cestos foram confeccionados totalmente em fibra sintética trançada, pertencentes aos Kaingang da Associação Indigenista

Assindi, do município de Maringá. Consta-se neste exemplo, que mesmo sem a matéria prima original a prática do trançado é a mesma.

Podemos ligar o uso de materiais artificiais para confecção do artesanato a uma sucessão de processos sociais, políticos e culturais, como, por exemplo, a perda de território e o uso de defensores agrícolas nas fazendas do entorno das terras indígenas, o que provoca a carência de matérias-primas naturais. No processo cultural, podemos citar o fator das circularidades culturais que, para Ginzburg (1987, p.13), “[...]é um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima, bem como de cima para baixo”, podendo neste caso ser exemplificado pelo uso de matérias-primas e artefatos que antes não existiam dentro das sociedades indígenas, o que indica não uma substituição de valores, mas sim, um acréscimo de conhecimento ou mesmo uma inovação na confecção do artesanato, ressaltando que apesar da substituição da matéria prima, não deixaram de produzir sua cultura na técnica do trançar.

O conjunto de artefatos analisados conservam elementos da história do grupo e evocam aspectos de seu modo de vida, ou seja, representam a sociedade que os produziu e nesses objetos é possível perceber a dinâmica da produção cultural, a exemplo da passagem do vasilhame cerâmico ao uso da panela de metal, bem como a simbologia dada ao artesanato, antes restrito ao fabrico de armas, instrumentos musicais com fins religiosos foi sendo retomado pelas sociedades indígenas pouco a pouco, passando a ser fonte de renda e vendidos nas ruas e centros culturais, sendo possível notar claramente a influência regional na confecção. Dessa forma a cultura passa a ser pensada como algo constantemente reinventado, recomposto, investida de novos significados.

Estes vestígios não só evidenciam as interpenetrações ou entrecruzamentos culturais, acima de tudo, mostram que as populações indígenas atribuídas aos grupos Jê estão presentes na região há centenas ou mesmo há milhares de anos e que resistiram à diversas formas de contato, pacíficas ou não.

Muitos procedimentos ainda podem ser acrescentados a esses níveis analíticos para melhor compreender esse grupo étnico. Este estudo foi limitado à uma análise tradicional, sem que tenham sido realizadas análises arqueométricas e/ou de microvestígios nos fragmentos cerâmicos, que seriam importantes para obtermos dados mais precisos sobre as características de performances desse tipo de artefato.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A.G.M. **A tradição Itararé-Taquara:** características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. Revista de Arqueologia, São Paulo, 2007.

CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista Lustosa. **Design para Sustentabilidade Cultural:** recursos estruturantes para sistema habilitante de revitalização de conhecimento local e indígena. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CHMYZ, Igor. **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica.** Cadernos de Arqueologia, ano 1 nº1. Universidade Federal do Paraná. Paranaguá, 1976.

CRUZ, M.D; CORREIA, V.H. **Normas de Inventário:** cerâmica utilitária. Instituto dos Museus e da Conservação, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido

pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato e Cultura, 1989

PARELLADA, C. I. **Tecnologia e estética da cerâmica Itararé-Taquara**: dados etno-históricos e o acervo do Museu Paranaense. *Revista Arqueologia*, 21:97-111, 2008.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, Berta G. **A Arte do Traçado dos Índios do Brasil**: um estudo taxonômico. Museu Paranaense Emílio Goeldi. Rio de Janeiro, Instituto nacional do Folclore, 1985.

_____. **Dicionário do Artesanato Indígena**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RODRIGUES, Robson Antonio. **Os caçadores-ceramistas do sertão paulista**: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Sérgio Baptista da. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang**: Um modelo para compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. Tese (doutorado), São Paulo, Universidade Estadual de São Paulo, 2001.

SHEPARD, A. O. [1956]. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1985.

3.3 Ciência do passado humano: abordagens para a dieta, clima e movimento

Richard Magdwick¹

Resumo: Estuda as relações que vinculam humanos e animais e dedica-se à análise de banquetes, de mobilidade e o tratamento pré e pós-deposição de restos humanos e de fauna.

Palavras-chave: Zoológico; Mobilidade e Dieta; Comportamento e Adaptação Cultural de Antigas Populações Humanas.

1. It's a real privilege to be here so thank you so much for your attendance. I must begin with a big thank you to all the staff at the museum, for kindly hosting the event, to the Araucária Foundation for generously sponsoring the event. I must follow thanks with apologies, as I'm afraid I will be delivering the talk in English. Therefore I have to add further thanks for the simultaneous translation.

So on to the talk. Today I will present some cutting edge research on some of the most iconic archaeological sites in Britain, or even Europe. Every region has archaeological sites that typify their past and capture the imagination. Egypt has the pyramids, Mexico the Aztecs and Peru the Incas. For Britain it is the great henge monuments of the late Neolithic that spring to mind first. These are vast monumental enclosures of the third millennium BC (so around 4500 years old), the most famous being Stonehenge. They have been subject to a great deal of research in the past but some major gaps in knowledge remain - particularly surrounding who the people who built and visited these monuments were and where all the people and animals came from. I'm an archaeological scientist specialising in the analysis of bones and today I will present new bio/geochemical research to address these questions.

2. First of all I think it's worth briefly highlighting where this research pertains to and where I'm from. So I'm from Great Britain - this troublesome country in northwest Europe. I'm from the small country of Wales, living in the capital Cardiff. Wales has only 3 million people so is minuscule compared to a superpower like Brazil. The sites in question are in central southern Britain but Wales has an important part to play in their story, as I'll come on to later.

3. First I'll briefly introduce the monuments and the Late Neolithic. The late Neolithic spans from approximately 3000BC-2200BC. It was a time of great monumentality but some of the great henges started very modestly. For example Stonehenge was initially a simple ditch and banked enclosure, but by 2480BC (it has been very well dated), it developed into a major monument with this inner ring of blue stones and outer ring of major trilithons. Much has been removed but the ditch and bank is still visible. It's difficult to state the scale of labour mobilisation and the feats of engineering this would have required, but it has been estimated that it would take 20 million man hours to mine, dress and move the stones, some of which aren't local and a further 1.7 million man hours to erect the stones. This would have been a huge undertaking with the

1 Doutor em Arqueologia. Bioarqueólogo atuando na Cardiff University/UK. Email: magdwickrd3@cardiff.ac.uk

small population of Neolithic Britain, pre metal technology.

4. Stonehenge is the most famous monument but there are many stunning examples in a very small area. Avebury is another: this is the world's largest prehistoric stone circle. This is more poorly dated and perhaps slightly earlier but encases a whole village and you can only get a sense of the scale of the monument from the air. Originally the circle would have comprised around 400 stones but many have been removed. The ditch and bank was far far more impressive, being 7m deep and high, cut from chalk which would have made it gleam white in the sunshine. The stones are 2 to 3 times the size of a person as you can see and it has been estimated that it would take 1.5 million man hours to construct.

5. A third monument only 2km from Avebury is Silbury Hill. This the largest prehistoric man made mound in Europe. It looks like a natural hill but there wasn't even a lump in the ground prior to people building this mound, which comprises about 258,000 cubic metres of soil. It is truly huge, dates very closely to the prime period of monument construction and is estimated to have taken 18 million man hours. To put that into perspective - it equates to 500 men working for 15 years - again a great feat of social mobilisation.

6. These monuments have been a big part of the British psyche for a long time and they have been at they go hand in hand with the development of archaeology as a discipline. A real interest in the prehistory of Britain started with wealthy men such as William Stukely and John Aubrey in the 17th and 18th centuries. They visited these sites, drew plans of them which remain very useful today and started to make assertions about their use. At this time early history was known from Roman writings and these described the druids, the native people who inhabited Britain at the Roman invasion at 43 AD. This is an artist's impression of the time. It was assumed by early archaeologists that these monuments were built by these people around 0AD, but we now know they are far older.

7. These sites still hold an important place in the British society today. New age druids, who claim affiliation to the ancients still undertake ceremonies here. An interesting feature of these monuments that many have solar alignments and therefore at the solstice on 21st June thousands gather at these monuments for great festivities and to watch the sun rise over the great trilithon. This includes some characters such as Mad Alan - this tattooed man who changed his first name to 'mad'. He can often be seen here. There is a long history of partying at these sites and Stonehenge used to host a free festival in the 70s in 80s but the archaeology suggests parties may stretch back much further.

8. So what are these monuments and why was so much invested in constructing them? There is no single answer to this but the importance of ritual and ceremony is clear. There are several common elements to the monuments. None sit in isolation - all form part of complexes - suites of related sites which have varied architectural elements of stone, wood and earth. Also many have processional routeways supporting the idea of ceremony. At Stonehenge you can see this earthen avenue and at Avebury there are more impressive stone lined avenues. They have been interpreted as power centres, where chiefs anchor themselves in the landscape with a massive show of wealth. Others have suggested that they are centres for spiritual and physical healing. What we can be sure of is that huge feasting events took place in these complexes.

9. These feasts are typified by two defining features - pigs and a distinctive style of pottery known as grooved ware. This is the only period in Britain where pigs are dominant. This graph shows the proportions of different animals in faunal assemblages and we can see that at the four most major feasting centres pigs are overwhelmingly dominant, especially at Durrington Walls which is part of the Stonehenge complex. Grooved ware pottery, with this distinctive grooving pattern is also everywhere at these sites.

10. Probably the greatest remaining enigma concerning these sites is that we don't know where all the people and animals are coming from as there is very little settlement evidence during this period. There is one major exception - Durrington Walls, which is in this very vibrant landscape around Stonehenge. At Durrington Walls a large number of these lightly built, plank constructed houses have been found. These are very light and would generally be quickly ploughed out so may be lost elsewhere. However, this settlement must have been huge and has vast material assemblages of bone and pot, in spite of only being occupied for a maximum of 55 years and only seasonally.

11. So this raises the major enigma of Stonehenge. Where were all the people coming from? Are we seeing a pan-British age, with people converging on the south from across the British Isles or are we seeing evidence for a concentrated population in the rich agricultural landscape of the south, but that is lost archaeologically due to the settlement evidence being ploughed away. The latter scenario seems less likely as we know that some cattle at Stonehenge came from far away thanks to the work of Sarah Viner. To work out where the people came from the best thing we can do is to do molecular analysis of the bones themselves, but unfortunately few survive and those that do are largely cremated and therefore unsuitable for most forms of chemical analysis. Therefore we have to look at other materials. Some are locally sourced like the flint of the flint arrowheads and the clay of the grooved ware pottery. Others are distantly sourced such as the bluestones - this inner ring of stones, each weighing about a ton which have precisely sourced to the Preseli hills in west Wales. This is about a four hour drive today and would have been massive undertaking in prehistory. However, we know little of where the animals came from and these are the most abundant resource at the sites, especially pigs.

12. Pigs were central to the feast at these sites and go hand in hand with feasting across time and space. They are still feasted on today in Papua New Guinea and South East Asia for example. There are lots of reasons why pigs are good feasting animals. They gain weight rapidly, produce large numbers of offspring and can give birth more than once a year. Also you can feed them on almost anything - fruit, meat, meal scraps, mushrooms, insects even human faeces (though it probably wouldn't give you the best bacon). All of these factors make pigs excellent animals for feasting on as you gain lots of meat quickly and cheaply. On top of that they are well suited to preservation through smoking and salting - useful if you have a surplus. In addition, they are considered high status animals as they don't produce secondary products - you can't milk or shear them and therefore you have to invest in feeding them but get nothing back till you kill them. I'm not sure about this hypothesis - if you can feed them on your own faeces it doesn't sound that high status. However, the lack of secondary products is important as it means that you can kill large numbers of pigs without harming an economy which relies on milk or wool. Also in late Neolithic Britain it seems that pigs had some symbolic value.

13. The reason for this is that many pig bones from these sites have flint projectile points embedded in them. These aren't wild boar - these are farmed pigs, but for some reason it seems that they were

being shot by bow and arrow as part of some strange pre-feasting ritual.

14. So pigs clearly have both economic and symbolic significance so do they hold the key to reconstructing where people were coming from? They may - but there are problems with this. As any pig farmer will tell you, pigs are notoriously difficult to move over distance. Even a couple of kilometres is difficult so moving them across the country seems highly unlikely. Also they are prevalent in late Neolithic landscapes so even if people were coming from across the country, pigs may be local as it would be much easier to procure one locally. Therefore they may not be a good proxy for human movement. In addition, they have been considered unsuitable for some forms of molecular analysis due to the porosity of their bones, but work I published a few years ago showed that they were suitable for this type of analysis.

15. So this led me to embark on a project of isotope analysis. This bio/geo chemical technique relies on the basic premise that you are what and where you eat. Chemical tracers are transferred from all food into human tissues and by analysing bones and teeth from the archaeological record we can build biographies of people and animals in terms of what they were eating and where they moved through their lives.

16. I undertook a multi-isotope project using 5 isotopes to tell me different things about the diet and origins of the pigs from these sites. I analysed 132 pigs from 4 sites. This doesn't sound like many but it is in fact the largest sample of multi-isotope data (comprising 5 techniques) ever developed in archaeology. These methods are laborious and expensive! The four sites are Durrington Walls, part of the Stonehenge complex, West Kennet, part of the Avebury complex (the largest stone circle of them all), Mount Pleasant is an outlying site to the south and Marden is a very large henge enclosure between Stonehenge and Avebury. All are in relatively close proximity.

17. I'll talk more about the precise methods shortly but the questions I hope to address with the research are as follows. How were the large stocks raised? - were they raised by specialist producers or even on a prescribed diet as symbolically valued animals, or were they raised at a household level on wide-ranging diet. Were the pigs locally raised and if not, did they come from wide-ranging locations? Did different sites support different networks or did they perhaps support the same groups of people but at different times of year. Finally from a methodological perspective I wanted to see how close we can define origins using a multi-isotope approach?

18. So now I'll provide some simple scientific detail on the methods. Carbon and nitrogen isotope analysis is used in conjunction to reconstruct diet and is very useful for omnivores such as pigs. Strontium isotope analysis is the most powerful provenancing technique and relates to underlying geology. Oxygen isotope analysis provides a climatic signal relating to provenance and sulphur isotope analysis provides an indication of coastal proximity. By combining all these methods we can start to build a biography of individuals.

19. So as an example of how an approach works, strontium isotope analysis provides a geological signal. Strontium in local geology is transferred to the water system and the plants and animals that feed in a landscape and ultimately in the bones and teeth of the humans and animals who live there. The signal changes very little as it passes through this chain. Unfortunately we can't analyse bone, as it is porous and therefore takes strontium from the burial environment. Therefore analysing bone only tells us where a bone was buried and as archaeologists, we already know that

- we dug it up. Teeth are more dense and keep a life signal telling us about the geological region where an individual is when that tooth is developing.

20. This is the strontium biosphere map of Britain. You can see it is very diverse. Some signals are very informative. If you get a dark blue or a pink signal then you can pinpoint it to only a few areas of the country. However, if you get a green value you don't know where your individual comes from. It could be from the northern isles of Scotland, the south, the midlands, the east or almost anywhere. This has led some to call this the isotope zone of doom. Even worse, this green area is the same as value as rainfall, which dilutes geological values in wetter areas of the UK (and some are very wet). You can see that the strontium map works on a broadly latitudinal axis but the oxygen climatic map works more on a longitudinal axis so by combining the two and also looking at coastal proximity using sulphur, we can start to rule out more potential areas of origin and start to hone in on exact provenance.

21. Carbon and nitrogen is about diet rather than provenance. The carbon indicates the type of plants being eaten and the amount of marine input in feeding. The nitrogen shows the position in the food chain, with high nitrogen indicating a diet rich in animal products. Fish can also cause high nitrogen values.

22. When we get these data they are plotted on a scatter plot - I apologise in advance several are coming your way. Unlike strontium, signals do change as they are passed up the food chain and therefore we get a graph with plants in one corner, moving up through herbivores, omnivores and carnivores and any humans brave enough to live on bears would be higher up the graph still.

23. So here are the results, presented in the same sort of graph. So each dot represents a pig and the different colours represent different sites. We can see that there is a big range of values and not much clustering. This shows that the pigs were not fed a prescribed diet and were not raised by specialist producers. It looks much more like they were raised at a household level and the diversity of values suggest origins in a range of places. There is only one value above 8 for nitrogen so most pigs were largely herbivorous and there is no evidence for their being fed fish. There are differences between the sites - Mount Pleasant has the greatest range, Durrington Walls has significantly higher carbon, probably relating to the greater use of forest forage and West Kennet has the lowest carbon showing that pigs here were largely if not entirely herbivorous. The main thing to take from this is that there is a wide range of values hinting at varied origins.

24. Can sulphur isotope analysis help us with this? It can to some degree. This indicates coastal proximity and anything above 14 parts per mil indicates a coastally raised pig. We can see that many of the samples sit above the red line and are therefore raised on the coast. Only Mount Pleasant (the red squares) is located on the coast and we can see that most samples here are above the line, so based on sulphur alone, they could be local. However, the other sites are all a long way from the coast, between 50 and 100k away and a quarter of all samples from Durrington Walls and Marden are coastal and over half from West Kennet. This shows that many non-local pigs were present at these sites and some came from a substantial distance away and the listed distances are of course to the closest coast - they could have come from much further afield. So now we know that are many pigs that were not locally raised but we still can't say much about where they are from.

25. Strontium is more helpful. So here is the geological map you saw earlier and here is where the sites are located dominated by blue and green zones. I have coloured each pig in with its zone colour and we can see that the majority of samples are green and blue and therefore could be local based on their strontium. However, every other zone on the map is represented showing a startling diversity of movement. Perhaps the most eye catching samples are the pink ones. These are highly likely to have come from at least as far as the far northeast of England but the range of values in the pink one suggests some came from even further away - northern Scotland (more than 650km away). This is a startling distance to have moved a pig 6500 years ago. We can get more information by combining the sulphur and strontium values. So we can see that the vast majority of Durrington Walls samples appear local (green and blue). However, if we look at the sulphur values of these samples, 39% are coastally raised and therefore can't be local at all - they are much more likely to come from the east coast which is dominated by these zones. Similarly 27% of the yellow and orange values are coastally raised meaning that they cannot come from the large yellow area in central northern England and it is tempting to suggest that they might come from West Wales, where the inner ring at Stonehenge derive from. So by combining methods, we are able to get closer to origins.

26. The oxygen can help us more but is a complex source of information. You can see that this graph has a range from 23 to 29 and this map from -4 to -9. This is because on relates to ground water oxygen and the other oxygen is pigs teeth and you have to do a mathematical correction to match the two. One is published and I used it on the dataset, but it suggested that about half of the pigs were from a much colder climate - Norway, Sweden or Iceland. This is impossible there is no contact with France at this time let alone the nordic countries. Therefore there is a problem with the correction and it's necessary to use raw values. The range in the graph is the same as the full range for great Britain. Therefore the low values must be from the highland east and the high values from the far west and we can make graduated assessments in between. We can see that Marden and Durrington Walls both occupy the full range of values and therefore have pigs from both sides of the country. However West Kennet and Mount Pleasant differ, with the former having a lack of eastern samples and the latter a lack of western samples. These sites may therefore have served different groups.

27. The next step is to work out how many pigs might have been raised locally. First it is necessary to assess what a local pig would look like in terms of its isotope values. This was done with modern data and some mathematical calculations. Overall, only 10% (13) were consistent with being from the local area. This shows a staggering amount of movement, with only 1 in 10 pigs (and therefore humans) being from the local area. There are some problems with this and the local range may be slightly wrong but it is in fact possible that 10% being local may exaggerate the true figure, as even using all these different methods, the local area around these monuments cannot be separated from the south east of England so some of these pigs could well be from there.

28. The next step is trying to work out exactly where the pigs and people were coming from. I did some statistical analysis to assess this - a method known as K-means clustering. This allowed me to pinpoint some areas of origin. These include western England (close to the monuments), mid Wales and northern England and most excitingly north east Scotland - a startling distance away. This is not to say that no all the people and animals came from these areas, but rather that these have distinctive signatures. It's clear that many came from many other areas across Britain. There

are other problems with this - we don't know about Ireland and some could come from there. We can't be sure about every pig, but the scale and volume of movement is clear.

29. So just to summarise. The research shows that pigs were raised on a wide range of foods and that people and animals were drawn from across the British Isles - a staggering scale and volume of movement. It seems so unlikely that a pig could be moved overland so I think maritime supply routes must be considered. It is not just the famous complex of Stonehenge that drew people in - Marden shows just as much movement but in a much smaller sample. The multi-isotope method has helped solve the enigma of where people and animals came from to converge on these sites, but there is still a long way to go. Perhaps the most interesting finding is that people went to great lengths to bring a pig that they themselves had raised to contribute to the feast, rather than picking one up locally. There must have been rules that dictated this, as it would have been a massive undertaking. So in sum, the massive amount of movement provides evidence for the very first united British cultural events around 4500 years ago.

30. I have got some examples of these techniques being used in a Brazilian context but I think you have listened to me for quite long enough and I am very grateful for your attention. Thanks you so much for listening and here are the people I would like to acknowld.

3.4 Presença Indígena na Coleção do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss

*Amauri Ramos da Silva¹;
Juliana Souza Belasqui²;
Oswaldo Fiorato Junior³*

Resumo: Relato acerca da coleção de artefatos indígenas, cerâmicos e líticos, objetos de salvaguarda no acervo do Museu Histórico de Londrina.

Palavras-chave: Cerâmicas Indígenas; Acervo Etnográfico e Arqueológico; Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss

Tem-se aqui como objetivo descrever o acervo arqueológico do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (MHL), e particularmente, tratar sobre vestígios relativos à presença indígena no Norte do Paraná a qual a coleção se refere. Para esse artigo foram consultados os livros de registro de acervo do MHL, os quais estão organizados por ano, número do livro e página e cada página possui registradas a data e a doação. Basicamente, fizemos o confronto entre as informações encontradas na documentação museológica e as informações presentes nos Livros de registro de acervo do MHL.

O MHL constitui-se como um órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL), está abrigado no espaço da antiga estação ferroviária da cidade. Foi criado por iniciativa de professores e estudantes da antiga Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FAFILO) e inaugurado em 1970. Ambos atuaram para reunir o acervo e posteriormente dar início ao processo de organização do acervo. Na época de sua criação intitulava-se Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, sob a coordenação do professor de História da Arte, História Antiga e História Medieval, Carlos Weiss.

De acordo com Edson Holtz Leme (2013), a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, na época da criação do museu, direcionava as atividades acadêmicas para a coleta de documentos e peças que viriam a compor o acervo do museu. Segundo Leme, o início da organização do museu foi:

[...] movimento bem recebido pela população que doou diversos objetos do cotidiano relacionados ao trabalho rural e urbano. [...] Conforme Leme, a princípio o museu foi denominado “Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná”, isto porque havia também a participação de alguns professores do curso de Geografia e pela perspectiva que o acervo comporia artefatos arqueológicos e geológicos, uma vez que “[...] muitos fragmentos e objetos indígenas foram doados ao Museu” (2013).

1 Graduação em Arquivologia (UEL). Especialista em Patrimônio Cultural e Identidade (UNIFIL).

2 Graduada em História (UEL)

3 Graduado em História (UEL)

Colaboradores no Programa Contação de História do Norte do Paraná, MHL/UEL.

Durante o processo de organização do acervo o museu funcionava no porão do Colégio Hugo Simas. Sua transferência para o local onde está atualmente abrigado deu-se em 1986. Segundo Taiane Vanessa da Silva:

Ainda na mesma década, 1974, o museu se torna órgão suplementar da UEL e em 1978 recebe o nome de Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”. A desativação da estação ferroviária na década de 1980 trouxe o local como favorito para a realocação do Museu Histórico de Londrina (MHL), de forma que, em 10 de dezembro de 1986, a transferência foi efetivada. (2016, p.11)

Nosso estudo constatou que, inicialmente, foram reunidos acervos de diversas origens e etnias para compor a coleção do MHL, sendo que as primeiras peças registradas são de origem arqueológica. A primeira peça registrada no Livro Diário de Registro de Acervo é de um Sambaqui. Essa doação foi realizada por meio de um Ofício nº14/1973 – Paranaguá, 04 de abril de 1973 ao professor Carlos Weiss, diretor do Museu Histórico e Geográfico do Norte do Paraná. Segundo Scmitz, sambaqui é:

São, portanto, acumulações artificiais principalmente de conchas de moluscos, e em menor escala de ossos de mamíferos, répteis, aves e peixes; restos da dieta alimentar de populações indígenas que habitavam principalmente o litoral [...]. A maior parte dos sambaquis é formada por diversas camadas arqueológicas, originadas por sucessivas ocupações de culturas muitas vezes distintas. [...] Chymz (1986) ampliou o conceito de sambaqui para sítios arqueológicos históricos do litoral, que contém material neobrasileiro em meio a resíduos de moluscos, peixes e animais terrestres. (SCMITZ APUD PARELLADA & NETO, 1993, pp. 2 e 3)

O sambaqui que compõe a coleção do MHL era proveniente da Ilha das Cobras, possui 105 fragmentos ósseos e dois crânios. Foi doado pelo Museu de Arqueologia e Artes Populares por intermédio do Prof. José Wilson Rauth, que na época era chefe do departamento de Antropologia da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. Junto com o Sambaqui vieram fichas de identificação dos fragmentos que foram elaboradas pelo Museu de Arqueologia e Artes Populares, contendo informações como, por exemplo, o tipo da peça, descrição, procedência, produzidas pela Divisão de Arqueologia da Universidade do Paraná do Departamento de Antropologia.

Pará - 23/24 - 23-24

UNIVERSIDADE DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ANTRPOLOGIA
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ARTES POPULARES
DIVISÃO DE ARQUEOLOGIA

REGISTRO DE PEÇA ARQUEOLÓGICA N.º do Projeto

Número invenc. 23-24 Número antigo

Tipo de peça Esqueleto - Conjunto de ossos

Descrição de um ser humano, colado na Ilha das Cobras. Ossos acompanhados, n.º 1

Medidas

Procedência e data de descoberta Ilha das Cobras - 1966

Tipo de jazida Sambaqui misto

Stratigrafia Sambaqui misto

Ref. bibliográfica W. Dentth

Fotografado por W. Dentth, Prescritida por Sampa Data 66.

Item 1 - folha 1

Imagem 1. Ficha nº. 23-24 Esqueleto – Conjunto de ossos.



Imagem 2 - Sambaqui proveniente da Ilha das Cobras/PR.

A presença de um sambaqui no acervo do MHL nos faz pensar sobre a necessidade de pesquisa sobre esse acervo. Ou, ainda, segundo Parellada (1993), a existência do Sambaqui implica em pensar nos dados culturais que determinam o assentamento de índios naqueles locais. No caso do Sambaqui da Ilha das Cobras também faz refletir sobre a limitação dos registros sobre a presença indígena no Norte do Paraná e sobre a necessidade de mais pesquisas arqueológicas nessa região.

As demais peças doadas são fragmentos e vasos de cerâmica e material lítico, e possuem procedências diversas. Além dos materiais doados pelo Museu de Arqueologia e Artes Populares, o MHL também recebeu peças da região Norte do Paraná que, segundo a documentação, foram encontradas nas margens do rio Tibagi, até São Jerônimo da Serra, passando pela região da Terra Indígena Apucarantina. Os documentos da década de 1960 indicam que urnas e fragmentos cerâmicos afloraram do solo durante a preparação da terra para o plantio. O lavrador, quando percebeu os fragmentos, suspendeu o trabalho com as máquinas e retirou alguns vasos inteiros do solo.



Tampa de vaso de cerâmica.

Também as lâminas de machado são originárias da mesma região e foram encontradas nas mesmas condições.

As peças de cestaria foram coletadas na TI Apucarantina, em São Jerônimo da Serra e em Assaí, pelos estudantes de História da antiga FAFILO. Os estudantes fizeram o inventário, produziram os históricos das peças, os termos de doação, registraram a coleta no livro diário de registro de acervo.

Um exemplo da coleção é o cocar do cacique Divaldo Fulgêncio, de São Jerônimo

da Serra, recebido em 1971 por doação de Vera Zenaide de Costa Logulho, que o recebeu do próprio Fulgêncio. Mas, a coleção inclui também algumas peças originárias do Xingu, adquiridas ou doadas ao MHL.



Acervo: Museu Histórico de Londrina

Cocar que pertenceu ao cacique coroado Divaldo Fulgêncio.

O Museu possui um acervo relativo às culturas indígenas limitado e, por isso mesmo, valioso. O conjunto é formado por: 01 sambaqui com 105 fragmentos e 02 crânios, 529 fragmentos de cerâmica, 13 alças de vaso (zoomórficos), 21 vasos de cerâmicas inteiras, 51 lâminas de machado, 11 mão de pilão, 01 machado semilunar, 01 quebra coquinho, 03 pontas de flechas, 09 pedra lascada, 84 raspadeiras, 24 peças de arte plumária, 16 objetos de adorno, 52 peças de cestaria.

O conjunto totaliza 820 peças de origem indígena e variedade de tipologias de materiais. O acervo arqueológico e indígena do museu são mais do que registro da história, são peças que revelam tanto o processo de reocupação de vastas regiões de Londrina e do Norte do Paraná, como também dizem respeito à cultura e os modos de vida dos povos originários, dos quais sabemos ainda muito pouco.

Esses materiais arqueológicos são fortes indícios da presença indígena na região e nos

ajudam a compreender o processo de reocupação do Norte do Paraná. Inicialmente, problematiza a ideia de vazio demográfico ainda bastante arraigada.

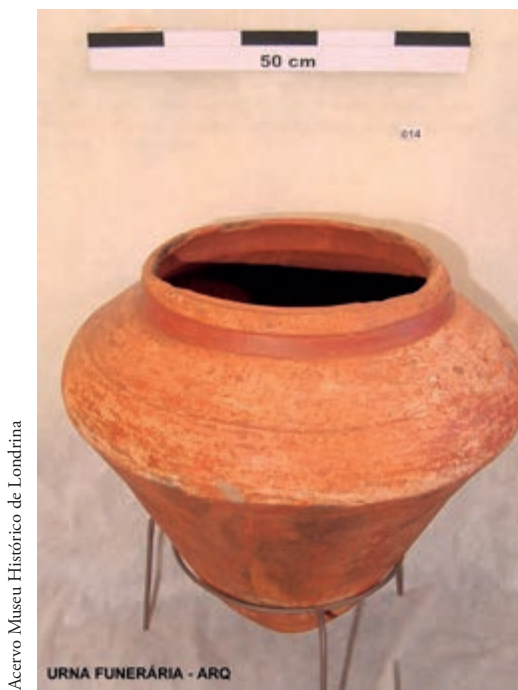
No caso específico do Paraná, nos séculos XV e XVI ocorreram múltiplas trocas entre os europeus e povos nativos. Esse contato deu-se por diferentes formas, afinal, essa era uma terra de trânsito de missionários, aventureiros, bandeirantes, etc. O norte do Paraná também abrigou reduções jesuíticas.

O governo provincial do Paraná determinou, no século XIX, a criação do Regulamento das Colônias Indígenas. “Em 1857 foi criada a colônia São Pedro de Alcântara, às margens do Tibagi, na margem oposta à atual cidade de Jataizinho. A fundação da Colônia deu-se em 1855 e os primeiros habitantes indígenas foram os Guarani Kayoá trazidos do Mato Grosso”. (TOMMASINO, 2009, p. 14). Ainda segundo a autora, os Kaingang foram conquistados também neste íterim e ajuntados na Colônia Indígena São Jerônimo, distantes dos Kayoá devido a inimizade histórica.

A consolidação da conquista se deu no século XX com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão estatal com destinação a regulamentar as relações de trabalho, de forma a fixar os trabalhadores em seu estado de origem, evitando desequilíbrio demográfico e, implicitamente, aculturar os índios. Através do SPI, as companhias colonizadoras puderam exercer expedições contando com a colaboração dos próprios indígenas, conhecedores dos pormenores do território paranaense. Os aldeamentos e reservas foram progressivamente perdendo porções consideráveis de terras. De fato, o SPI não assegurou a proteção destes povos. Outras reservas foram criadas na região norte, como a de São Roque, hoje correspondente à cidade de Tamarana, e o posto de Apucarana.

“Segundo estas observações, conclui-se que três famílias linguísticas principais ocuparam o território do atual Paraná: os Tupi ou Tupi-Guarani, os Crên e os Gê. No final da década de 1960, resumiram-se em tupi-guarani e gê-botocudo”. (CHAGAS & MOTA, 2016, p.1).

A reocupação do território e sua colonização assolaram os territórios dos nativos, dizimaram populações inteiras, o modo de vida dos conquistadores acabou por “civilizar” grande parte desses povos. A coleção de cerâmicas do MHL, por exemplo, “fala” desses acontecimentos. Por exemplo, nessa coleção encontram-se peças com as bases ovaladas e bases achatadas. A peça com base ovalada se caracteriza como de pré-contato e a base plana informa o contato com não-índios.



Vaso de cerâmica localizado próximo a Uraí.

Todos esses elementos postos servem como auxílio para a compreensão da história narrada via um discurso oficial, na tentativa de se criar um imaginário do vazio demográfico para a região, uma “terra de ninguém”. Ramos e Alves (2013) destacam que autores clássicos e mesmo historiadores de meados da última centúria produziram e propagaram a ideia da despovoação para legitimar a “(re)ocupação” das terras. Esta posição é assumidamente falsa, na proporção das fontes arqueológicas e históricas registram tanto da presença numerosa em todos os períodos da história brasileira, como também pelos relatos dos enfrentamentos, nos quais consideramos os indígenas enquanto “vencidos”. Por outro lado, a partir dos anos 1990 uma nova leva de pesquisadores trouxe para o bojo da historiografia a questão do outro. O indígena estava aí incluído, desde então presenciamos certo revisionismo.

Em 2013 o Museu promoveu a exposição “Povos Indígenas no Norte do Paraná: culturas Kaingang, Guarani e Xetá”, destinada exclusivamente a propor um olhar sob a ótica do prolongamento dessa história demasiada rica. As ações relacionadas a este evento merecem destaque, pois houve um contato intenso entre kaingang e guarani e o museu.

Ademais, trabalhos acadêmicos e pesquisas a respeito desta temática emergiram também nos últimos tempos. Kimmiye Tommasino, Lucio Tadeu Mota, Francisco Noeli, Flávio Wiki, Cláudia Parellada, Leilane Patrícia de Lima, Maquieli Elisabeth Menegusso e outros, vêm destacando a presença indígena no Norte do Paraná e na coleção do MHL. Nesse sentido, o acervo arqueológico vêm informar sobre a presença indígena na região e insistir que é preciso estudar a coleção contextualizando-a no tempo e no espaço.

BIBLIOGRAFIA

CHAGAS, Nádia Moreira; MOTA, Lúcio Tadeu. **O Guairá nos séculos XVI e XV: as relações interculturais**. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/O_Guair_nos_sec._XVI_e_XVII_.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

FERNANDES, Aryane Kovacs. **Locomotiva Baldwin 840 exposta no Museu Histórico de Londrina: percepções dos visitantes espontâneos (2015-2016)** 194 folhas. Monografia (Especialização em Patrimônio e História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2016.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina : 1959-200**. 2013. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia Júlio de Mesquita Filho, Ciências e Letras de Assis, 2013.

PARELLADA, Claudia Inês & GOTTARDI NETO, Alberto. 1993. **Inventário de sambaquis do litoral do Paraná**. Arquivos do Museu Paranaense, nova série arqueologia, Curitiba, n.7, p.1-42.

RAMOS, Igor Guedes; ALVES, Samira Ignácio. Índios: Um silêncio ao Norte do Paraná. In: ALEGRO, Regina Célia et al (Org.). **Temas e questões para o ensino de História no Paraná**. Londrina: Eduel, 2013. p. 174-196. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/temas_e_questoes.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

SILVA, Taiane Vanessa da. **A história de Londrina em foco: apropriações da narrativa do Museu Histórico de Londrina por professoras do ensino básico (1996-2015)**. 2016. 124 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2016.

TOMMASINO, Kimiye. Os povos indígenas na Bacia do Tibagi. **Boletim Museu Histórico de Londrina**, Londrina, v. 5, n. 9, p.10-21, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/museu/publicacoes/Boletim_09.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

4. ENTREVISTA

4.1. Manoel Norég Mág Felisbino



Nasceu na Reserva Indígena São Jerônimo da Serra, veio para a Reserva do Apucarantina com cinco anos de idade, onde estudou o primário. Casou-se com Jandira e tem seis filhos. Estudou no Rio Grande do Sul onde, por três anos, fez um curso para professores bilíngues, na Reserva Indígena Guarita, patrocinado pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e pela Igreja Luterana.

Prof. Manoel Noreg Mag Felisbino- Apucarantina 1996

Trechos da Entrevista

“Fiz o magistério no IEEL, depois fiz o curso de Geografia e, no final do curso já era uma profissional, tinha passado no concurso estadual para lecionar no primário e depois, assim que acabei a faculdade em 69, fui para o ensino secundário. Depois eu fiz uma especialização com a professora Yoshiya Nakagawara Ferreira, em Geografia Regional. E aí, assim que eu me formei na faculdade teve o concurso e me tornei docente na própria Faculdade de Filosofia, não era Universidade Estadual ainda.”

[...]

MNMF: Em 1982 passei a lecionar Português e Kaingang na Reserva Apucarantina, substituindo o professor Artur Amaral.

[...]

MNMF: Leciono na “Escola Luiz Pénky Pereira” que é escola sede e tem sete professores bilíngues e mais dois na outra aldeia da Reserva que fica mais ou menos 15 km, no local denominado Barreiro.

[...]

MNMF: A escola recebeu o nome “Escola Luiz Pénky Pereira” que é uma homenagem ao antigo cacique que ficou 37 anos no cargo [...] esta escola é mantida pela FUNAI e tem o apoio também da Prefeitura do Município de Londrina e Governo do Paraná.

[...]

MNMF: Para as crianças o kaingang é mais fácil, elas têm o contato com o idioma em casa [...] Na 1ª e 2ª séries os alunos estudam o Kaingang escrito e o português só oral. O português passa a ser estudado no 3º e 4º anos. A partir do 5º ano os alunos que desejam continuar os estudos vão para Lerroville.

[...]

MNMF: A reserva possui aproximadamente 400 pessoas e a escola possui 130 alunos.

[...]

MNMF: Na aldeia o cacique é escolhido por eleição onde a comunidade indica alguns nomes e uma Assembleia é quem elege o cacique. Todos os eleitores são maiores de 15 anos. As cédulas são feitas com cartolina, cada candidato recebe uma cor.

[...]

MNMF: Existem coisas boas e ruins, o lado bom desse contato é que o branco traz o conforto e a cultura e a escola é importante para população, trazendo novos conhecimentos. E o lado ruim é que o branco discrimina e explora o índio.

FELISBINO, Manoel Norég Mag. **Depoimento**. Londrina: 1996. Entrevista coordenada por Jorge Cernev. Transcrição: Ricardo Guaitoli. Acervo Museu Histórico de Londrina. (Projeto CUCO).

5. ASAM

5.1. Estatuto de Museus

Veja alguns destaques do Decreto 8.124/13, que regulamenta a Lei 11.904/2009, denominada Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009, de criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram):

- Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM)

Criado pelo setor museal brasileiro, o PNSM integra o Plano Nacional de Cultura, estabelecido pela Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010. O PNSM é composto por 131 diretrizes desdobradas em 169 estratégias e 560 ações a serem implementadas entre os anos de 2010 e 2020, em nove áreas: 1) gestão museal, 2) preservação, aquisição e democratização de acervos, 3) formação e capacitação, 4) educação e ação social, 5) modernização e segurança, 6) economia dos museus, 7) acessibilidade e sustentabilidade ambiental, 8) comunicação e exposições e 9) pesquisa e inovação.

- Registro de Museus

O Registro de Museus tem por objetivo estimular a formalização das dinâmicas de criação, fusão incorporação, cisão ou extinção das instituições museológicas dos mais de 3,2 mil museus brasileiros. Trata-se de ato administrativo derivado de complexo sistema de reconhecimento nacional das instituições museológicas, operado pelo Ibram em conjunto com os entes federados. Os dados levantados nestas ações serão compartilhados também através do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC/MinC), visando à ampla disseminação das informações. Em conjunto, esses sistemas são fundamentais para a construção, o fortalecimento e a reavaliação de políticas públicas para a área dos museus. Os procedimentos e critérios para registro serão definidos em ato normativo do Ibram.

- Cadastro Nacional de Museus (CNM)

O CNM constitui-se na principal ferramenta para conhecimento do universo museológico brasileiro, sendo também o centro de informações para os sistemas informatizados desenvolvidos ou incorporados ao Instituto Brasileiro de Museus. O CNM é responsável pela coleta e disseminação de dados sobre as características, atividades e serviços dos museus brasileiros, contribuindo de forma efetiva para o diagnóstico do setor museológico e para o planejamento de ações de políticas públicas de cultura. O cadastramento é voluntário.

No próximo número continuaremos apresentando os destaques do Decreto 8.124/13

Fonte: Portal do Instituto Brasileiro de Museus

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto não deve ultrapassar 5 laudas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
- Deverão ser apresentados em CD e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.

2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em CD. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3323-0082 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Profª Drª Regina Célia Alegro

Secretaria

Cesar Augusto de Poli

Auxiliares Operacionais

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

Ação Educativa

Regina Célia Alegro

Edeni Ramos Vilela

Biblioteca e Documentação

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Comunicação Social

Barbara Daher Belinati

Imagem e Som

Célia Rodrigues de Oliveira

Rui Cabral

Objetos Tridimensionais

Auxiliar: Amauri Ramos da Silva

Estagiários

Ana Paula Bellomo de Souza | Ana Raquel Abelha Cavenaghi | André Xavier da Silva

Aryane Kovacs Fernandes | Fabíola Ferro da Silva | Felipe Augusto Leme de Oliveira

Gregório Bernardino Matoso Higor de Melo Silva | Isabella Pezzo Beraldo

Juliana Souza Belasqui | Laura Zecchini dos Anjos | Luana Bortoletto Gonçalves

Marcela Almeida Brasil | Matheus de Freitas Figueiredo | Nara Kisser Peretti

Natan Ribeiro | Osvaldo Fiorato Junior | Pedro Henrique Cezar

Rafael Vitor Mattos Pires | Ritielly Gouvêa Melo | Ruan Lucas Marciano

Taiane Vanessa da Silva | Thiago Machado Garcia

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR

CEP 86010-350 | Tel (43) 3323-0082 | museu@uel.br



Ciência do passado humano. Abordagens para a dieta, clima e movimento.
Richard Madgwick



CMCK TI Apucarantina se apresenta no Seminário sobre povos Indígenas no Norte do Paraná



Palestra Análise arqueológica e identificação de cerâmicas.
Robson Rodrigues



Palestra "Etnohistória, História Indígena e o estudo dos povos Jê na região do Pr". Lucio Tadeu Mota



Palestra "Exposições museais no norte do Paraná e centro oeste de São Paulo. Leilane Patrícia de Lima



Palestra "Métodos não Destrutivos no Estudo do Patrimônio Artístico e Histórico". Carlos Roberto Apolloni

Realização



Universidade
Estadual de Londrina



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA

Após do Desenvolvimento Científico
& Tecnológico do Paraná

